

# O encontro de futebol França-Portugal

## Os franceses retribuem aos portugueses a sua visita de 1940

Um artigo inédito de Pierre Lorme

Exclusivo para «Stadium»  
Serviço de crónicas EXTINFOR

**T**ODA a gente, em França, se regozija com a ideia de que Lisboa e os futebolistas portugueses se prepararam para receber, a 14 de Abril, os representantes do futebol francês.

E que toda a gente, em França, guardou a melhor recordação do encontro de 28 de Janeiro de 1940. Os antigos, de cabelos grisalhos, recordam-se mesmo dos desafios mais distantes: 1926, em Toulouse; 1927, em Lisboa; 1928, em Paris; 1929, em Colômbes; 1930, no Porto...

Janeiro de 1940... A «drôle de guerre». Há apenas seis anos. É, no entanto, como está longe! Quantos acontecimentos agitarão o mundo, e, particularmente, a França, desde aquela data...

Encontrei na colecção de antes da guerra, do jornal «L'Aurore», os artigos relativos ao encontro. Maurice Pefferkorn, um dos melhores críticos de futebol, dizia antes da partida:

«Este encontro, no momento em que toda a França está em guerra, tem o valor de um acontecimento simbólico».

Para traduzir o valor do futebol português, ele acrescentava: «Guardai uma ideia particularmente ex-cita e agradável da participação de Portugal nos Jogos Olímpicos de Amsterdão, em 1928. E recordo-me, também, que a equipa portuguesa, em 1938,

apenas foi batida, por 1-0, pela Suíça, na Taça do Mundo...»

O encontro de 1940 teve lugar no Parque dos Príncipes, diante de uma multidão considerável. A. de Gama Ochón, Ministro de Portugal em Paris, J. L. Archer, Cônsul Geral, J. da Cruz Filipe, presidente da Federação Portuguesa de Futebol, ocupavam lugares de honra na tribuna.

A equipa portuguesa alinhava: Azevedo, Gaspar Pinto, Simões, os dois Ferreira, Albino, Amaro, Moarão, Gomes, Cruz e o famoso avançado-centro Peyroteo.

A França marcou os três primeiros pontos: dois no primeiro meio-tempo, por Heisserer e Koranyi, e, o terceiro, depois do descanso, por Koranyi.

Depois, Portugal reagiu vigorosa-

mente e Peyroteo, por duas vezes, bateu Hiden. Não havia mais do que um ponto de diferença.

Depois do encontro, Maurice Pefferkorn escrevia:

«O jogo dos nossos visitantes agradou enormemente, porque foi manifesto que a busca da perfeição técnica era a preocupação constante de todos os jogadores».

E Lucien Gamblin, jornalista, antigo capitão da equipa de França, julgava assim a equipa portuguesa:

«Viram-se com prazer as evoluções do extremo Moarão, que tinha a pesada tarefa de substituir Espírito Santo; o trabalho de Pereira, meio-centro, do defesa Simões e, principalmente, do avançado-centro Peyroteo, futebolista de grande classe, que nunca se confessou batido e marcou os dois tentos alcançados pela sua equipa».

Do lado francês, o interior Hilti tinha sido o melhor. O banquete, à noite, foi muito cordial e, apesar dos acontecimentos, muito alegre.

Já corria, desde então, muita água sob as pontes, mas, a despeito da imensidade das feridas e das misérias sofridas pela França, os desportistas nunca consentiram em abdicar. A juventude, mais de que nunca, é atraída para os estádios. E nada pode ser mais reconfortante para os franceses do que ver as suas equipas retomarem contactos com as das grandes nações desportivas.

Os encontros internacionais são, para os desportistas, um símbolo precioso. O encontro Portugal-França é mais do que uma manifestação desportiva, é uma visita de amizade que uma delegação de jovens franceses retribui à nação portuguesa.

### Os «antigos» dão lugar aos «novos»

Que dizer da equipa de França que se deslocará a Lisboa? Primeiro, que Barreaud, seleccionador único da Federação Francesa de Futebol, apenas alguns dias antes do encontro designará todos os seus homens. Mas conhece-se, no entanto, a vintena de jogadores entre os quais ele deverá escolher.

Raros, certamente, serão os que tenham pertencido à equipa de 1940. Talvez Jordan, no lugar de médio-centro? A não ser que se lhe preliara Braun. Talvez, também, Boarbotte, de Lille, sempre em forma.

Entre os outros antigos de 1940, Hiden renunciou ao desporto activo; Van Dooren joga sempre, mas é, sobretudo, treinador da equipa de Orléans; Mattler, apesar dos seus 36 anos, ainda joga

em Sochaux; não se ouve falar de Diagne; Veinante treina o «Racing Club de Paris»; Courtols, em Sochaux; Koranyi, em Cannes; Heisserer, em Estrasburgo, jogam nos seus clubes.

Haverá, portanto, muitos novos. É preciso dar-lhes lugar. Pode-se pensar que Da Rai, de Lille, guardará as redes e que Barreaud escolherá, para defesas, entre Swiatek, de Bordeaux, Salva, do «Racing» e Frey, de Toulouse.

Para médios, o seleccionador escolherá, para centro, entre Jordan, Braun, de Metz, Lamy, do «Racing», Mindonnet; laterais, entre Samuel, do «Racing», Boarbotte, de Lille, Bastion, de Marselha.

Enfim, para avançados julga-se que Bihel, de Lille, jogará no centro e que o resto da linha compreenderá Vaast, do «Racing», Tempowski, de Lille, o famoso Ben Barek, do «Stade Français», e Aston, do «Red Star».

### Crise de desenvolvimento progressivo do futebol francês

Que valerá a equipa de França? Desde a Libertação, o futebol francês obteve resultados muito desiguais. Depois de ter, em 1943, alcançado uma vitória e um empate memorável—em Wembley—sobre a equipa de Inglaterra, depois de ter batido a Bélgica, a equipa de França, durante a época 1945-46, caíra aos seus adeptos grandes decepções; três derrotas: 4-1 contra a Áustria, 2-1 contra a Bélgica, 1-0 contra a Suíça.

Os especialistas do futebol dão, destes reveses, sucedendo a belos resultados, uma explicação que parece plausível:

«O nosso futebol é bom, dizem eles, em matéria de matches internacionais, sofre de uma crise de desenvolvimento progressivo. Chegámos ao momento em que os nossos jogadores de classe confirmada se tornam demasiado velhos; e os novos de classe ainda não se revelaram suficientemente. Mas, dentro em pouco, nós saberemos exactamente quem escolher...».

Todavia, pouco importa. O que se deseja especialmente, na véspera deste Portugal-França, é que a equipa de França faça bom futebol, em face de uma boa equipa. O desporto não consiste apenas em ganhar. O que importa é jogar de todo o seu coração, lealmente, virilmente, cortesmente, e de se resignar de boa vontade às decisões do Destino. Nós sabemos que é sob o signo do verdadeiro espírito desportivo que se desenrolará, em Lisboa, o VII encontro Portugal-França.

## DR. ALEKHINE

O genial xadrezista que morreu no Estoril



ALEKHINE

O mais famoso jogador de xadrez do mundo, que morreu no Estoril em plena glória

gou-a contra o russo Botwinnik, o homem que se projectava opor a Alekhine, em Londres, ainda neste ano.

Brancas: dr. Eawe.  
Pretas: dr. Alekhine.  
Defesa Nimzowitsch.

1. d4, Cf6; 2. c4, e6; 3. Cc3, Bb4; 4. e3, 0-0; 5. Cg-é2, d5; 6. a3, Be7; 7. Pxf3, Pxf3; 8. Cg3, c5; 9. Pxf3, Bxf3; 10. b4, d4; 11. Pxf3, Pxf3; 12. Dc2, Dd5; 13. Tb1, Bd7; 14. Tb3, Ba4; 15. Dxc3, Dd8; 16. Bc4, Ca6; 17. Bxa6, Pxa6; 18. O-O, Bxb3; 19. Dxb3, Tb8; 20. Dc2, Dd5; 21. e4, Db3; 22. De2, Db5; 23. Df3, Dxc5; 24. Cf5, Tb1; 25. Df4; Cxé4; 26. h4, Te8; 27. Te1, Dc3; 28. Td1, Cd2; 29. Txd2, Txc1+; 30. Rh2, Dc7; 31. Ta6, Tc5; 32. g3! Tf8; 33. g4, f6; 34. Rh3, h5; 35. Dd2, Pxf3+; 36. Rxh4, Df7; 37. h5, Txf5; 38. Rxh5, Dxb3+; 39. Rf4, Dh4+; 40. Rf3, Dh3+; 41. Re4, Te8; 42. Rd5, Db3+; 43. Rd4+, Dxe3, Eawe abandonou.

Brancas: dr. Alekhine. Pretas: Eng. Botwinnik.

Defesa oeste-indiana.  
(Torneio da A. V. R. O.—1938)

1. d4, Cf6; 2. c4, e6; 3. Cf3, b6; 4. g3, Bb7; 5. Bg2, Be7; 6. 0-0-0; 7. Cc3, Ce4; 8. Dc2; 9. Dxc3; 10. Be3, Bf6; 11. Dd2, d6; 12. d5, é5; 13. Cg3, Bxg5; 14. Bxg5, 15. e4, Pxe4; 16. Ta-é1, Cd7; 17. Txe4, Dg6; 18. Th4, 19. f4, Pxf4; 20. Bxf6, Txf6; 21. Tx14, Ta-18; 22. Be4, Tf4; 23. Tx14, De8; 24. Bf5, Be8; 25. Bxb6, Dxb6; 26. Txf8+, Dxt7; 27. De3, h6; 28. De6+, Df7; 29. Dc8+, Rh7; 30. Rg2, Dg6. Empatada.

Nota: A fotografia foi tirada em 1940, por ocasião da primeira visita de Alekhine a Lisboa.

VAGOU o título máximo do xadrez mundial. Morreu Alexander Alekhine.

Mas a obra do génio criador do Mestre perdurará sempre, através dos preciosos documentos que ele nos legou—as inúmeras reproduções dos seus jogos magistrais.

Eis aqui duas partidas de Alekhine: a primeira foi a que lhe proporcionou a reconquista do título, em luta com o holandês Max Eawe, no «match-revanche» para o Campeonato do Mundo, em 1936. A segunda partida jo-